

Mundo



SETE MESES DE GUERRA

Mortos passam de 35 mil em Gaza

Diante de ofertas de Rafah, secretário-geral da ONU defende cessar-fogo

Pela
morte
após
o cessar-
fogo
em 2023

ENTREVISTA

Edmundo González Urrutia / CANDIDATO PRESIDENCIAL

Principal candidato opositor venezuelano, à frente na maioria das pesquisas, diz que é possível derrotar o chavismo e pede a Lula que esteja atento ao processo eleitoral

‘O PAPEL DO BRASIL É CHAVE NA ELEIÇÃO DA VENEZUELA’

JANÁINA FIGUEIREDO

janeira.figueiredo@oglobo.com.br

Aos 74 anos, o diplomata venezuelano Edmundo González Urrutia se tornou, de forma totalmente inesperada, o principal rival de Nicolás Maduro nas eleições presidenciais de 28 de julho. Depois de um processo conturbado de registro de candidaturas — que incluiu o bloqueio de nomes da oposição, fato questionado pelo Brasil —, Urrutia foi inscrito e aceito por unanimidade pelos principais partidos opositores que, unidos, pretendem derrotar o chavismo nas urnas após 25 anos de poder. “Sabemos que não é uma batalha simples, mas no jogo democrático alguns ganham e outros perdem”, disse o candidato ao GLOBO. Urrutia confirmou contatos com o governo brasileiro e enviou um recado ao presidente Lula: “O peso e a liderança do presidente do Brasil são muito importantes, qualquer mensagem dele será bem recebida pelos democratas venezuelanos”.

O senhor alguma vez imaginou ser candidato à Presidência da Venezuela?

Foi um fato que surpreendeu a mim e minha família, foi inesperado, não buscado.

Um desafio enorme... Assumi esta situação como uma contribuição à causa democrática.

Como foi o momento em que comunicou à sua família que seria candidato?

Todos estavam acompanhando de perto o processo, fui informando a todos sobre tudo o que acontecia. Um dia recebi uma ligação de um amigo que me informou que a Plataforma [Unitária] tinha decidido, por unanimidade, me escolher como candidato.

O senhor não é um dirigente conhecido e uma parte importante da campanha é dizer ao país quem é Edmundo González Urrutia, sobretudo através das redes sociais como Instagram e TikTok...

É verdade. Mas dois dias depois da confirmação de minha candidatura as pesquisas que tínhamos já me davam 50% de intenções de votos, um recorde impressionante. Todos ficaram sabendo rapidamente quem era Edmundo González. Nas últimas

pesquisas que temos temos mais de 60% de apoio, um percentual que nos dá muita esperança. Nos últimos dias me reuni com diferentes setores da sociedade venezuelana, organizações políticas, partidos, movimentos. Este fim de semana me reuni com familiares de presos políticos, uma reunião com mais de 40 pessoas. E assim vamos avançando. Todos os dias recebemos novos apoios.

O senhor não é uma liderança política e a campanha, nas ruas, continua sendo protagonizada por María Corina Machado. Quanto desses mais de 60% de apoio que mostram algumas pesquisas estão relacionados à líder opositora e não ao senhor?

Esse apoio é uma combinação de várias coisas, entre elas o desejo de mudança dos venezuelanos, que é impressionante. Uma última pesquisa da Datacorp revela que 62% dos venezuelanos votariam por mim, e apenas 20% por Maduro. Numa consulta que incluiu todos os candidatos, tenho 50% e Maduro 18%. Para alguém que, de fato, não era uma figura política conhecida, é impressionante.

Houve um acordo para que María Corina continue liderando a campanha nas ruas?

Ela está em campanha há um bom tempo, percorrendo o país. Eu terei uma atividade pública no interior no próximo sábado. Não foi um pacto, mas, sim, ela continua nas ruas com um ritmo vertiginoso. Temos apenas três meses de campanha e esse tempo deve ser utilizado da melhor maneira possível. Todos os dirigentes políticos estão participando da campanha, e esperamos percorrer todo o país, entre todos. Esta é uma campanha coletiva. Existem restrições, María Corina não pode pegar avôes de companhias aéreas comerciais, porque essa companhia está sob ameaças, e as mesmas restrições sobre outros dirigentes políticos. É uma campanha difícil.

Como foi convocado o governador do estado Zulia, Manuel Rosales, de desistir de sua candidatura presidencial?

Não participei dessas conversas, e não sei se isso aconteceu. Mas ele disse que preferia se retirar [da corrida presidencial] e unir-se a minha cam-



O escolhido. Diplomata e professor de Relações Internacionais, Edmundo González Urrutia, um desconhecido para a grande maioria dos venezuelanos, é a esperança da oposição na batalha eleitoral contra o chavismo, há 25 anos no poder



Na rua. A líder opositora María Corina Machado, mobiliza pra a Justiça, faz campanha para limpar a em todo o país



“Deles [o chavismo] podemos esperar qualquer coisa, sobretudo se sabem que as pesquisas não os favorecem”

“Quando Lula parabenizou a oposição pela escolha de um candidato e defendeu as condições de qualquer sociedade democrática foi muito importante”

panha. Ele foi quem propôs meu nome e que ele fosse escolhido por unanimidade. Um gesto de respeito que eu agradeço, disse isso a ele pessoalmente

numa reunião que tivemos há dois dias, em minha casa.

É possível derrotar o chavismo nas urnas?

Tudo parece indicar que assim será. As pessoas estão motivadas, o que ouvimos nas ruas, os comentários, o que sai nos meios de comunicação indicam isso. Este governo está há 25 anos no poder e o desgaste é muito grande.

O senhor imagina o chavismo entregando o poder?

Não será fácil, mas o resultado das urnas deverá prevalecer. Sabemos que não é uma batalha simples, mas no jogo democrático alguns ganham e outros perdem.

Existem temores de que Maduro possa até mesmo suspender a eleição por temer a ser derrotado. Esse cenário é

analisado pela oposição?

Deles [o chavismo] podemos esperar qualquer coisa, sobretudo se sabem que as pesquisas não os favorecem. Esse cenário existe e deve ser considerado e analisado, entre outros possíveis.

Qual é a importância do papel de países como Brasil, Colômbia e Estados Unidos neste processo eleitoral?

É muito importante. O papel de líderes da região, como o presidente do Brasil, que enviou mensagens importantes e está ciente dos riscos que existem, é fundamental. Suas mensagens sobre o processo eleitoral foram muito bem recebidas na Venezuela. Quando Lula parabenizou a oposição pela escolha de um candidato e defendeu que sejam cumpridas as condições de qualquer sociedade democrática foi

muito importante.

O senhor disse que teve contato com representantes destes três países. Poderia contar com quem manteve contatos no Brasil?

Foram contatos através de representantes diplomáticos em Caracas.

O senhor teve contato com embaixadores, entre eles a embaixadora do Brasil, Gláucia Maria de Oliveira?

Nos conhecemos em eventos diplomáticos em Caracas. Também tive contatos com a missão da União Europeia. A presença da comunidade internacional na Venezuela é muito importante.

Que mensagem enviaria ao presidente Lula?

Fediria que esteja atento ao que acontece na Venezuela, e que qualquer declaração dele sobre a importância de que tenhamos eleições transparentes e democráticas serão muito bem recebidas. O papel do Brasil é chave na eleição, como também são muitos países latino-americanos. Lembre de uma frase do ex-secretário de Estado americano Henry Kissinger: para onde o Brasil se inclinar, se inclinará a maioria dos países latino-americanos. O peso e a liderança do presidente do Brasil são muito importantes, qualquer mensagem dele será bem recebida pelos democratas venezuelanos.

